

PRÁTICA DE ENSINO NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: Um Relato de experiência

Isadora O. PAIVA¹; Mariana M. de TOLEDO²; Isac R. da LUZ³; Melissa S. BRESCHI⁴

RESUMO

O presente texto tem como objetivo apresentar o programa NAPNE e as ações deste no contexto do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais, campus Inconfidentes. Com uma experiência prática elucidada o verdadeiro propósito do programa NAPNE. E demonstra a efetividade e o olhar do outro ao sujeito.

Palavras-chaves: Didática diferenciada; olhar no sujeito; Napne.

1. INTRODUÇÃO

Ao longo da história “a postura das sociedades com relação às pessoas com necessidades especiais foi se modificando de acordo, muitas vezes, com a cultura, as crenças, fatores econômicos, políticos e sociais.” (REZENDE, et. al, 2013,p.23).

Somente a partir do século XIX as pessoas com deficiências passaram a ser olhadas como pessoas e foi a partir de então que se iniciou a institucionalização especializada de pessoas com deficiências e com isso então o conceito de Educação Especial. Conceito este no qual a educação dessas pessoas era separada da sociedade e essas eram tidas como “anormais”.

Sendo assim, a educação inclusiva tem como objetivo incluir os indivíduos que possuem deficiência no ensino regular, tendo assim a inserção social de todos. Entretanto, há um choque entre o ensino regular e o inclusivo, pois, a escola de ensino regular garante os conteúdos programados para o ano letivo, sem observar as possíveis necessidades específicas que alguns estudantes podem apresentar, importa-se com o cumprimento do currículo. Já na educação inclusiva, o objetivo é a formação do aluno garantindo melhor sua autonomia e seu aprendizado.

Ao longo do tempo, a educação inclusiva necessitou que leis fossem criadas, possibilitando assim, condições propícias para o desenvolvimento dos sujeitos “especiais”. A partir desse contexto que ações como a criação de políticas de apoio ao processo de organização dos processos inclusivos na escola regular foram sendo criadas. É neste âmbito que se inserem a formação dos Núcleos de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas.

1 voluntária do Napne, Ifsuldeminas- campus Inconfidentes. Email: zizi_zidore@hotmail.com

2 Estagiária do Napne, Ifsuldeminas- campus Inconfidentes. Email: marianamiranda.28@hotmail.com

3 AEE do Napne, Ifsuldeminas- campus Inconfidentes. Email: isacluzsena39@gmail.com

4 Orientadora, Ifsuldeminas- campus Inconfidentes. Email: melissa.breschi@ifsuldeminas.edu.br

A partir dos anos 2000, em virtude das discussões em âmbito nacional e internacional, o Ministério da Educação, buscou criar um programa conhecido como TEC NEP ou Educação, Tecnologia e Profissionalização para Pessoas com Necessidades Especiais, objetivando a inserção de pessoas com necessidades educacionais especiais em cursos de formação inicial e continuada, técnicos, tecnólogos, licenciaturas, bacharelados e pós-graduações da Rede Federal de Educação Profissional. (BRASIL, 2000 *apud* GABRIEL, 2018)

Desta forma a implantação dos NAPNE – Núcleos de apoio de pessoas com necessidades educacionais específicas tinha o intuito de mobilizar as instituições e desenvolver ações inclusivas, ofertando uma escolarização aliada à profissionalização, buscava assegurar aos estudantes acesso, permanência e êxito, fortalecendo a luta pela igualdade de oportunidades, como meio de alcançar a cidadania.

O NAPNE – Campus Inconfidentes atende alunos com necessidades educacionais específicas dos cursos médio integrado ao técnico e também alunos dos cursos superiores da referida instituição, os quais são encaminhados ao setor para que sejam atendidos de acordo com as necessidades educacionais que apresentam. Considerando o melhor aproveitamento do aluno, ações são pensadas individualmente a fim de atender a especificidade do estudante, dentre elas pode-se desenvolver a flexibilização e a adaptação curricular, que é uma modificação realizada a fim de viabilizar o processo de ensino e aprendizagem, possibilitando ao aluno trabalhar a partir de suas habilidades e se desenvolver, tendo em vista que os professores em sala de aula nem sempre conseguem auxiliar cada aluno, devido à extensa grade de conteúdos e carga horária.

Proporcionar um currículo que atenda as necessidades do aluno é uma maneira de incluí-lo no ambiente escolar,

Os alunos são diferentes em seus ritmos de aprendizagem e em seus modos pessoais de enfrentar o processo educacional e a construção de seus conhecimentos. A atenção as diferenças individuais educativas faz parte também de todas as estratégias educativas que se assentam no respeito à individualidade de cada aluno. Um respeito que, no caso dos alunos com necessidades educativas especiais, exige que se proporcione uma educação adaptada às suas possibilidades. (MARCHESI, 2004, p.38)

Consideramos que na perspectiva inclusiva o aluno não deve se moldar a escola, mas o contrário, permitindo a ele adquirir conhecimentos, desenvolver sua autonomia e assumir seu papel enquanto indivíduo com igualdade de direitos.

O presente texto objetiva apresentar um relato de experiência sobre ensino e aprendizagem adaptados na perspectiva inclusiva.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Para o desenvolvimento das ações utilizou-se a pesquisa bibliográfica e documental como ponto de partida para a compreensão do processo de ensino e aprendizagem de conceitos matemáticos e físicos particularmente. Seguindo-se a isso procedeu-se levantamento de materiais de apoio pedagógico, como o Material Dourado, Escala Cuisenaire, Fita métrica, Jogo da memória, entre outros que pudessem contribuir para a aprendizagem dos alunos em atendimento.

As dificuldades mais aparentes no decorrer do trabalho foram no campo da física. Assim um dos atendimentos foi constatado que um dos estudantes estava com dificuldade na compreensão do conceito de Velocidade. Com uma explicação mais sucinta, com a finalidade de esclarecer para o aluno que Velocidade é a Distância dividida pelo Tempo. Então para melhor compreensão sobre o conceito Velocidade, resolvemos desenvolver uma atividade prática. Essa atividade prática teve como finalidade facilitar e auxiliar o entendimento do aluno, além de moderar o papel do professor como ponto central do conhecimento, algo muito promissor para a autonomia dos alunos. A atividade foi realizada na área externa do NAPNE, onde estabelecemos uma distância, marcando dois pontos, depois de estabelecido uma distância, pedimos ao aluno que primeiramente percorresse essa distância a passos lentos. Com o cronômetro, marcamos quanto tempo foi gasto para ir de ponto ao outro.

Após, pedimos que o aluno percorresse a mesma distância, porém, a passos rápidos, com o cronômetro marcando o tempo gasto. Por último, pedimos que o aluno percorresse novamente a mesma distância, correndo, marcando o tempo, no cronômetro. Para tornar a atividade bem dinâmica os estudantes estagiários do NAPNE, realizaram o mesmo experimento. Após percorrermos a distância, em tempos diferentes, com o auxílio do cronômetro, mostramos ao aluno que quando ele foi caminhando a passos lentos, foi gasto um tempo maior. A partir de comparações dos tempos percorridos por cada um, o aluno pôde perceber que quando ele foi devagar, o tempo foi maior, mesmo a distância permanecendo a mesma, e conseqüentemente, a velocidade dele era menor. Quando ele percorreu a passos mais rápidos, o tempo gasto foi reduzido e a velocidade aumentou. E, por fim, quando ele percorreu a distância correndo, ele reduziu ainda mais o tempo, aumentando mais a velocidade. Concluindo que quando menor o tempo, maior a velocidade, e quanto maior o tempo, menor a velocidade.

Assim explicamos ao aluno que quando vamos calcular a velocidade, se aumentarmos o tempo, estamos diminuindo a velocidade. E se diminuirmos o tempo, aumentamos a velocidade, ou seja, são grandezas inversamente proporcionais, enquanto uma aumenta a outra reduz.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao longo do convívio com os alunos, procuramos analisar quais são suas dificuldades e facilidades, para então buscarmos formas que facilitem a aprendizagem, sempre trabalhando com o propósito do ensino se adequar às especificidades do aluno, adotando cada vez mais, a proposta de uma escola inclusiva. Após conhecer o aluno e suas dificuldades em relação a aprendizagem de conceitos básicos que prejudicam a compreensão de conteúdos que lhes são ministrados, priorizamos o uso de materiais didáticos manipuláveis, trabalhando a partir dos fundamentos básicos e metodológicos.

Entretanto, as maiores dificuldades não estão vinculadas a sua dificuldade em si, mas a “defasagem” de conteúdos que houve devido a carência de acompanhamento nos anos escolares anteriores.

Por meio dessa atividade prática, o aluno pode perceber quando executava a atividade, porque a fórmula da velocidade é calculada dessa forma, fixando e sabendo aplicar a fórmula na resolução de outros exercícios.

4. CONCLUSÕES

De acordo com a experiência relatada pode ser percebida que atividades práticas facilitam a aprendizagem do aluno, colocando em prática o conteúdo ensinado em sala de aula, permitindo que o aluno faça parte de atividades demonstracionais que o auxiliam na fixação de conteúdos. Deste modo o aluno com necessidades educacionais se inclui no contexto da educação inclusiva.

REFERÊNCIAS

GABRIEL, Joise A. **Concepções e práticas inclusivas: tornando-me professora de matemática. Trabalho de Conclusão de curso.** Inconfidentes: IFSULDEMINAS, 2018. Mimeo

LEITE, Lúcia P; SILVA, Aline M da. **Práticas educativas: adaptações curriculares** In: CAPELLINI, Vera Lúcia M. F. (org) Práticas em educação especial e inclusiva na área da deficiência mental. Bauru:MEC/FC/SEE,2008. Disponível em:<<http://www2.fc.unesp.br/educacaoespecial/material/Livro10.pdf>>

LOPES, S. A. **Adaptação curricular: o que é? Por quê? Para quem? E como fazê-la?** Educação Básica Revista, Sorocaba, v. 3, n. 1, p.3-28, fev. 2017.

REZENDE, André L. A.; SALTON, Bruna P.; GOETZE, Marguit; DALL’ONDER, Marina; JAQUES, Rafael; LIMA, Rodrigo S. O.; MEDEIRO, Tatiane A. **A trajetória da inclusão.** In: SONZA, Andréa P. (org.). (et.al)Acessibilidade e Tecnologia assistiva: pensando a inclusão sócio digital de PNEs. MEC/AETEC, 2013.